

José Jesus Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

### Resumo:

Uma pessoa branca pode adentrar nas discussões acerca de raça/racismo em sala de aula? Esse texto buscar responder a essa questão por meio das reflexões de um professor branco, cisgênero e heterossexual que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental com o componente curricular de Arte/Teatro. Ao longo de um processo de reflexão, procurei meios para direcionar minha prática pedagógica numa perspectiva antirracista. Para direcionar esse pensamento, diversos autores contribuíram para fundamentar o pensamento sobre a responsabilidade de todos no combate ao racismo. As palavras tecidas nesse documento têm como objetivo gerar debates e reflexões sobre a importância do Teatro na discussão, reflexão e denúncia do racismo em sala de aula.

**Palavras-chave:** Teatro, Racismo, decolonialidade.

## TEATRO Y RACISMO EN EL AULA: PARA UN ANÁLISIS DE LOS BLOQUES ÉTNICO-RACIALES

### Resumen:

¿Puede una persona blanca participar en discusiones sobre raza/racismo en el aula? Este texto busca responder a esta pregunta a través de las reflexiones de una docente blanca, cisgénero y heterosexual que trabaja en los primeros años de la Educación Primaria con el componente curricular de Arte/Teatro. A lo largo de un proceso de reflexión, busqué formas de dirigir mi práctica pedagógica desde una perspectiva antirracista. Para orientar este pensamiento, varios autores contribuyeron a sostener el pensamiento sobre la responsabilidad de todos en la lucha contra el racismo. Las palabras tejidas en este documento pretenden generar debates y reflexiones sobre la importancia del Teatro para discutir, reflexionar y denunciar el racismo en las aulas.

**Palabras clave:** Teatro, racismo, decolonialidad.

## O USO DO TEATRO DO OPRIMIDO NO COMBATE AO RACISMO

Respondendo ao questionamento da introdução sobre o debate das questões raciais, mais especificamente o racismo, Djamila Ribeiro nos diz que “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades[...]” (Ribeiro, 2020, p. 108). Desta forma, ao falar sobre racismo dentro de sala de aula, atrelado ao ensino de teatro, dialogarei a partir do meu “locus social”, contribuindo para a construção de um professor antirracista sob uma perspectiva de decolonialidade.

A discussão feita por Ribeiro sobre o conceito de Lugar de Fala me norteou para entender que “Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar a partir do lugar que ele ocupa” (Ribeiro, 2020, p.82).

Compreendo que o currículo é permeado por relações políticas e econômicas, e que jamais se configura como neutro ou apolítico. Em vista disso, é necessário que a prática docente no ensino de teatro também busque um lado: o do oprimido. O Teatro deve trilhar em uma perspectiva “libertadora”, dando ênfase “[...] à concepção problematizadora” (Freire, 2017, p. 102), constituindo-se assim em um instrumento de denúncia das disparidades sociais existentes em quaisquer contextos de ensino e aprendizagem.

Em seu livro “Ensinando a Transgredir: Educação como Prática da Liberdade”, bell hooks destaca a importância do papel do professor na ruptura de um sistema de dominação, ressaltando que “nenhuma educação é politicamente neutra” (Hooks, 2017, p. 53). Já Boal nos diz que “nem mesmo Deus no Juízo Final, mantém-se neutro: baseia-se seu julgamento numa tábua de valores” (Boal, 2019, p. 21).

O ensino de teatro na escola não pode ser um recurso que legitime as ideias coloniais, repetindo pensamentos e ações racistas, homofóbicos, machistas, xenofóbicos e/ou encenações em que a branquitude seja tida como padrão

<sup>1</sup> Professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Juazeiro do Norte-CE. Aluno do Mestrado Profissional no Ensino de Artes (PROF-ARTES) da Universidade Regional do Cariri-URCA.

estético da sociedade, devido sua sistematização. Não pode servir apenas como mecanismo de conhecimento que finde em si mesmo, permitindo aos envolvidos apenas o ato de apreciar e executar. Isso não! O Teatro deve ser transformador, algo que instigue ao pensar, ao refletir, e que, através dessa reflexão, busque uma maneira de modificação da realidade. Segundo Boal “o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um ensaio da revolução” (2021, p. 130).

O processo de ensino, aprendizagem e criação deve buscar, além dos conhecimentos técnicos acerca do Teatro, uma análise crítica da realidade social. Em uma sociedade onde o racismo estrutural e estruturante ainda reina, o ensino de teatro deve ser um dispositivo de denúncia e de construção de um pensamento decolonial.

O trabalho com o Teatro, amparado em práticas pedagógicas antirracistas, deve buscar o caminho da decolonialidade educacional/artística em sala de aula ao proporcionar a construção de um pensamento crítico, analisando a realidade, conhecendo-a sobre a ótica, não do colonizador, mas do “colonizado”.

Desta forma, uma das possibilidades da retirada das vendas da neutralidade educacional/racial é o trabalho com o Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal no ensino de teatro. Segundo Boal, “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos Oprimidos (2021, p. 16).

Licko Turle, em direção ao pensamento aqui apresentado, oferece fundamentação conceitual sólida sobre o uso do Teatro nos debates relacionados ao racismo. Ao explorar os impactos positivos da utilização do Teatro-fórum no contexto do espetáculo “O Pregador”, Turle destaca:

[...] é um espetáculo cuja performance artística tem características afrocêntricas. Mesmo utilizando o método teatral, o TO, que não foi desenvolvido pensando, especificamente, na questão étnica. O método de Boal está estruturado de forma a permitir que as diferenças apareçam, sejam realizadas e, principalmente, respeitadas, prevalecendo o discurso do oprimido [...] (Turle, 2014, p. 100-101).

Nessa mesma visão da utilização das técnicas do Teatro do Oprimido desenvolvidas por Boal, levantando e discutindo as questões raciais na escola, Carolina Angélica Ferreira Netto (2019) e Talita de Oliveira (2019) expõem, em artigo publicado na Revista TRAVESSIAS, os impactos positivos obtidos num projeto desenvolvido em uma escola da rede municipal de Duque de Caxias-RJ, com meninas do 5º ano do Ensino Fundamenta, abordando as questões relacionadas a opressões vividas por esse grupo representativo da comunidade escolar.

Nesse sentido, as autoras afirmam que o Teatro do Oprimido fortalece a formação política e estética de sujeitos que vivenciam essas opressões, buscando com isso a humanização e a superação das opressões, sejam elas de ordem social, política ou ideológica. Elas afirmam que o uso do TO no ensino do teatro busca se constituir em uma “ferramenta para que crianças negras possam acessar uma percepção diferente sobre si mesmas, buscando, assim, a transformação ou desconstrução de estereótipos e de imagens tão negativas e cristalizadas sobre elas mesmas” (Netto; Oliveira, 2019, p. 15).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o ensino de teatro deve estar intrinsecamente ligado às relações sociais, políticas e econômicas, promovendo uma educação que vá além da sistematização dos conteúdos relacionados ao Teatro. Ela deve ser libertadora. O objetivo é que, por meio do Teatro desenvolvido por Boal, os alunos reconheçam e reflitam sobre o racismo na sociedade a partir das vivências nos Jogos Teatrais, problematizando-o não só no contexto educacional, mas em toda sociedade.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Sílvia. **RACISMO ESTRUTURAL**. 1. ed. Brasília: Jandaíra, 2020. 264 p.
- BOAL, Augusto. **TEATRO DO OPRIMIDO: e outras poéticas políticas**. 1. ed. São Paulo: Editora34, 2017. 198 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64. Ed. São Paulo: PAZ&TERRA, 2017. 156 p.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2017. 283 p.
- NETTO, Carolina; OLIVEIRA, Talita. **POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: TEATRO DO OPRIMIDO, LETRAMENTO ÉTNICO-RACIAL E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DE MENINAS NEGRAS**. In.: TRAVESSIAS. Vol. 13. N.º 3. Cascavel: 2019, p. 72-89.
- RIBEIRO, Djamilia. **LUGAR DE FALA**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 112 p.
- RIBEIRO, Djamilia. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**. 1. ed. São Paulo: EDITORASCHWARCZ, 2019. 136p.